

## O processo de significação em Ferreira Gullar e em Clarice Lispector: um jogo de probabilidades, de necessidade e acasos

Vânia Lúcia Menezes Torga<sup>o</sup>

Valdiléa Souza\*

### Resumo:

No presente trabalho, objetivamos apresentar algumas reflexões acerca de um dos maiores problemas que perpassa o projeto epistemológico ocidental de língua(gem) e, por conseguinte, das práticas de ler e de escrever na contemporaneidade: o problema da significação. Para substancializar a discussão, analisamos o discurso literário presente na crônica *Notícia de um assalto inusitado*, de Ferreira Gullar e no romance *Água Viva*, de Clarice Lispector, por compreendermos que o discurso literário, presente nesses textos, traz, em seu arcabouço, inquietações importantes que implicam numa reformulação de toda metafísica ocidental, implicações estas que revelam modos singulares de representação dos/nos espaços sociais contemporâneos. Partindo desse lugar, trouxemos para o debate os posicionamentos teóricos de Barthes (2007), de Derrida (2001) e de Torga (2001) que juntos formam uma base de sustentação para discussão do projeto de leitura e escrita que vem se constituindo a partir de um jogo de possibilidades, na medida em que tenta apreender e ao mesmo tempo projetar/refratar realidades.

**Palavras-chave:** linguagem; leitura; escrita; metáfora; metonímia.

### Abstract:

In this present work, we approach the most difficult problems that across the western epistemology project of language science and, hence, her meaning practices, such as reading and writing: the problem of meaning. To sustenance discuss, we analyzed literary discourse present in the chronicle *News of the unusual attack*, of Ferreira Gullar and in the novel *Living Water*, of Clarice Lispector, since each we understand that the literary discourse, present in this texts, manifests important anxieties that implicate in a reframe of all western metaphysics, implicates that disclose singular ways of performance of/in the social contemporary spaces. From this point of view, we bring for the debate the theoretical positions of Barthes (2007), Derrida (2001) and Torga (2001) which together shape the supporting base for debate of reading and writing project that is being produced today through the set of possibilities, insofar as it tries to grasp and to project effect reality.

**Keywords:** language; reading; writing; metaphor; metonymy.

---

<sup>o</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Uesc-Ba e pesquisadora do CNPq.

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Uesc-Ba e bolsista da CAPES.

(...) Porque o perfume do jasmim -qualquer perfume- é intraduzível em palavras, e é o perfume -a iluminação, na noite, pelo olfato- que o poeta quer dar no poema, ou quer, melhor dizendo, fazê-lo exalar no teu dia, leitor, já não através do nariz, mas da boca, ao lê-lo. Quer te dizer o indizível. (...) Mas, se o perfume não se traduz em palavras, o que dizer com as palavras? O que há a dizer, de fato, ele não sabe, já que ainda não o disse: é só vontade, impulso indefinido. Assim, antes de ser escrito, o poema é apenas uma difusa intenção, não existe e pode nunca existir. Como a palavra não diz o aroma, escrevê-lo é um jogo de probabilidades, de necessidade e acaso (...)

(FERREIRA GULLAR, Folha de São Paulo, 2008)

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada (LISPECTOR, 1998, p. 20).

No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundi mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado (LISPECTOR, 1998, p. 41).

Quero a experiência de uma falta de construção. Embora este meu texto seja todo atravessado de ponta a ponta por um fio frágil e condutor — qual? O mergulho na matéria da palavra? O da paixão? (LISPECTOR, 1998, pág. 25).

Iniciamos nossa exposição sobre o problema da significação que perpassa os sistemas de representação da escrita e da leitura na contemporaneidade acrescentando à discussão proposta trechos da obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, a fim de acentuar e acalorar as inquições suscitadas na crônica *Notícia de um assalto inusitado*, de Ferreira Gullar e, por sua vez, estabelecer um diálogo entre eles, porque suas inquições não dizem respeito apenas a uma suspeição particular sobre a polêmica que atravessa a linguagem, mais precisamente sobre a impossibilidade de a linguagem representar o pensamento e a coisa em si, mas concerne também a um problema mais profundo, porque afeta diretamente a questão nevrálgica de um modelo epistemológico metafísico de significação que sustentou (é muito pretensioso colocar o verbo no passado) durante séculos o mundo ocidental.

Tanto Lispector quanto Gullar, na figura do narrador-personagem, tornam acessível a crise epistemológica de um sistema representacional de língua (escrita/leitura) defendido inicialmente pela escola platônica, uma tradição fonocêntrica que propunha um liame natural entre o pensamento e o som. Nessa visão, os conceitos ou essência estão na alma dos homens, são naturais e os sons deveriam representar o que é o natural e o que é imanente. Essa visão de mundo foi, por sua vez, atualizada, enovelada sob outras bases históricas, culturais e ideológicas ao longo dos anos. O projeto de signo organizado por Saussure é um exemplo elucidativo da força discursiva do pensamento platônico. Com isso, na contemporaneidade, as problematizações acerca da linguagem e de sua significação trazem em seu bojo questionamentos em torno das leis essencialistas e naturalistas como fundadoras de verdades.

Cabe ressaltar que tal crise, evidenciada pelos escritores ora apresentados nesse estudo, é um fenômeno que existe desde sempre, não diz de uma cena contemporânea, como estudiosos da pós-modernidade acreditam ser, podendo ser percebida e prenunciada pela escola Ática dos sofistas, porque a crise ou conflito, na realidade, é um componente que funda toda a linguagem. Contudo, a discussão sofista foi relegada, evidenciando, assim, o caráter ideológico que perpassa todo o modelo epistemológico. Por isso, afirmamos que, na contemporaneidade, essa discussão foi resgatada, acentuada e acirrada. Schopenhauer e Nietzsche são nomes importantes nessa discussão. Enfim, não queremos saber nesse momento quem veio primeiro “se o ovo ou a galinha”. Na realidade, desejamos entender esse sistema que se preanuncia a partir da problematização de uma linguagem com bases metafísicas, uma vez que todas as práticas culturais e sociais respondem a esse *novus* modo de compreender o mundo. Acreditamos que devemos começar pelas enunciações de Gullar e Lispector.

As enunciações elaboradas pelos escritores ora apresentadas interditam parte de uma língua (pensar a partir daqui também a interdição de um projeto de escrita e leitura) enquanto um sistema de signos linguísticos lógicos, transparentes, que resultam de um processo de proposições e que se submetem ao teste de verdade e de falsidade, já que, para eles, não existe uma referência, um objeto de existência própria que possa ser expresso pela palavra. Isso pode ser traduzido através da impossibilidade ou da dificuldade de uma discussão do signo linguístico numa perspectiva de imanência, transparência que uma estrutura pode trazer junto a si hoje na contemporaneidade. Essas

enunciações indiciam, assim, um rompimento, em partes, com os hábitos racionalistas ativos que levam às últimas consequências a existência do significado fora da língua, com identidade plena e absoluta, porque tanto um quanto outro parecem sinalizar para remanejamento profundo da metafísica platônica.

Então, o que Ferreira Gullar diz sobre o problema da significação? Ao tratar da intradutibilidade, por meio de palavras, do perfume, que é da ordem do sentido olfativo, propõe concomitantemente a aproximação através do deslocamento (metonímia), aproximação entre contrários e da transferência de sentido (metáfora), que o sistema de referência não pode ser construído, pensado fora de um sistema linguístico, haja vista que o significante não diz de uma coisa em si, não remete nem traz a presença a si, mas traz consigo uma possibilidade, um índice que traduz o movimento de ir, vir e devir de algo apreendido pelos sentidos e significado pela linguagem. A referência – construída no jogo metafórico – obriga o leitor a voltar sempre ao primeiro movimento: a iconicidade, a identificação e a associação, que não se dão na transparência, porque não existe um referente, mas índices de um possível referente.

Na impossibilidade de dizer o que se sente e se pensa através da palavra, Gullar recorre à transferência de sentidos. A metáfora, nesse contexto, atua na categoria da composição, da condensação, da fusão de dois em um, em que a força maior reside no próprio fato de nela se conciliarem os opostos. Na voz de Torga (2001, p. 46), na metáfora, a parte é construída para ser equivalente ao todo, porém a parte jamais suprime a diferença entre as partes que concorrem ao lugar de todo. Daí a abertura e a polissemia de sentidos.

A metáfora ainda incide no nível da “indicidade”, não permitindo a construção de um signo genuíno e final, porque não se submete a uma forma lógica, a uma lei que a generalize e a enquadre, ela simplesmente escapa. Por seu turno, quando Gullar diz “o perfume – a iluminação, na noite, pelo olfato - [...]”, ele instaura uma linguagem alegórica que permite aludir que a iluminação enquanto metáfora do perfume é um índice, uma possibilidade de que o aroma é da ordem do sentido, mais precisamente do olfato, e não do discurso, da língua. No movimento dos contrários, da dialética, o narrador parece nos apresentar um conceito, mesmo que transitório e fugaz do perfume, que, no jogo de verdade/falsidade, sustenta o movimento da *différance*. Esta, na

metáfora de espelhamento, reflete-se e refrata-se num jogo dos contrários. É pela ausência da luz no perfume que a apreensão do aroma pode ser significada.

Retomando a questão do conceito e da essência, a forma requer o seu contrário, o conceito, e este exige sempre uma estrutura, senão seria apenas uma amorfa e difusa vontade. Noutras palavras, o perfume busca uma estrutura para que venha existir. Por seu turno, a estrutura dissimula a presença daquilo que não pode representar.

Assim, o olfato e o perfume mantêm entre si uma relação de contiguidade, de semelhança. O perfume busca um olfato, e o olfato busca um aroma. Mas e a iluminação, que é da ordem do olhar? A luminosidade remete a presença de luz; por conseguinte, o perfume remete à presença do aroma. Dessa forma, eles se assemelham pela “presença de”. A luz, como um despertar do sentido olfativo pela presença do perfume, se diferencia do olfato, porque a iluminação é percebida e refletida pelos sentidos da visão, pelo seu contrário, pelo que ele não é.

De acordo com as considerações de Torga (2001, p.47), Gullar sugere um movimento próprio do sistema linguístico: do todo (perfume) para a parte (luz) e da parte (olfato) para o todo (luminosidade), numa assimetria simétrica. Porém, o processo metafórico-metonímico não anula o motor geratriz que o move. Apesar de apresentar uma união integradora entre partes contrárias (olfato/visão), a diferença permanece. De outro modo, as partes se acrescentam, mas não somam. Então, o perfume se concretiza pelo seu contrário, porque ele é da ordem do olfato, e a luminosidade é da ordem da visão. O jogo parece ficar, assim, um pouco mais evidente.

Nesse processo, a metonímia motiva a operação de deslocamento das partes contrárias para tornar-se um conceito, uma condensação de partes diferentes, uma metáfora. Na voz autorizada de Torga (Ibid., p.47), “na metonímia ocorre a automatização das partes (não se exclui a relação das partes): um todo se fragmenta em partes ou parte e cada uma em sua integridade mantém relação como o todo onde a parte ganharia um significado geral”. O movimento metafórico-metonímico é que possibilita a Gullar instaurar um novo discurso sobre o perfume.

Partindo dessa análise, fica interdito por Gullar a possibilidade de um sentido transcendental, de um Deus criador de coisas absolutas, visto que ele torna clarividente, através do jogo de probabilidade, de semelhança/diferença/semelhança, o caráter discursivo do signo e de sua significação. Ferreira Gullar fala de um aroma indizível,

porém dizível ao mesmo tempo, evidenciando o jogo da linguagem, que é construído valendo-se do jogo da *différance* em que o sistema significação se alicerça.

Nesse sentido, o jogo traz momentaneamente uma saciedade no que respeito à busca de uma essência em si, de uma existência anterior e fora da linguagem. O estado de saciedade é logo interrompido, pois um outro objeto há que assaltar a percepção do sujeito, por seu turno, obriga-o a se posicionar frente a ele com desejo insano de significá-lo.

Por conseguinte, se o aroma é construído pela linguagem num jogo da alusão<sup>1</sup> do todo/parte/todo, o signo deixa de revelar uma verdade absoluta, passando a responder não só a um pensamento lógico e racional, estrutural, mas também a um sistema discursivo. Nessa perspectiva, fica difícil reduzir a língua a um sistema lógico de representação do pensamento e do real factual, dada a impossibilidade de se traduzir com palavras a essência da coisa enquanto tal.

Nesse caso, há uma rasura<sup>2</sup> desse sistema e, sob essa rasura, acrescentam-se os princípios e as regras de um jogo de sedução, persuasão e dissuasão. Nessa repercussão, a significação é construída a partir da arte de encantamento, da ilusão de que existe realmente uma coisa enquanto tal, visto que a rasura deixa marcas. Esse jogo é necessário para impulsionar o movimento metafísico constante e ininterrupto de vontade de verdade que busca preencher a falta, a ausência de uma presença a si, de uma origem ontológica. Tal ilusão e vontade de verdade são de importância precípua, são motivadoras do movimento de ir, vir e devir que o próprio signo se submete e se funda. Derrida (2001, p. 32) tem mais propriedade para explicar:

O jogo da diferença supõe, de fato, sínteses e remessas que impedem que, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado, seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento faz com que cada “elemento” – fonema ou grafema – constitua-se a partir do rastro, que existe nele, dos outros elementos da cadeia ou do sistema. Esse encadeamento, esse tecido, é o *texto* que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. Nada, nem nos elementos nem no sistema, está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou

---

<sup>1</sup> Nesse contexto, o jogo alusivo mantém uma correspondência com o jogo da *différance*. Ver o jogo alusivo em TORGA, 2001.

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. Gramatologia, 2008

simplesmente ausente. Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros.

Partindo dessa reflexão, o processo de significação acontece por meio de uma estrutura oca que é preenchida pelo jogo da *différance*, que esconde/revela/esconde um outro processo, o da descontinuidade, da descrição do rastro, que é alimentado pela suplementação e pela não transparência do signo linguístico. A *différance* diz da própria metafísica, da lei a qual em seu estado de ubiquidade evidencia que o verdadeiro sentido está no círculo, mas também em um espiral, porque ela é o esquema de retorno. Porém, tal volta traz sempre consigo de forma sinuosa marcas de um presente/passado/futuro dúbios e foscas. Diante disso, o refúgio do significado no significante torna-se uma estratégia efetiva que esconde a falta de uma presença absoluta, de uma alma imortal, imutável.

Nesse ponto da questão, repetimos um discurso da contemporaneidade, evidente também nas enunciações de Gullar, que não propõe uma ruptura com o modelo lógico e metafísico, também não se acrescentam, mas se implicam um a outro de modo estranho, porque, apesar de expor as diferenças, estão imbricados, formando, assim, uma aparente unidade. Por conseguinte, os dois modelos lógico e discursivo se identificam e a significação se constrói somente com o outro que existiu anteriormente: a transmigração do sentido por uma assimilação imediata que não traz o significado em si, mas uma possibilidade, um vir-a-ser.

Clarice Lispector, em consonância com Gullar, propõe que o sentido não está necessariamente na estrutura preestabelecida, mas no jogo de invenção, como bem atesta os enunciados abaixo:

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada (LISPECTOR, 1998, p. 20).

No entanto estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. O que há então? Só sei que não quero a impostura. Recuso-me. Eu me aprofundei mas não acredito em mim porque meu pensamento é inventado (Ibid., p. 41).

O narrador, nesses trechos, não estaria aludindo ao sistema de significação? Os sentidos das coisas, para ele, se dão através não de uma verdade oculta e alojada a um significante, mas diz de uma verdade criada, inventada pelo significante. A presença no

fio textual de sintagmas como *verdade inventada* e *pensamento inventado* indiciam que, na realidade, todo o sistema de significação responde a uma verdade construída e que a vontade, o cego desejo de existência e verdade, é condicionante, é o núcleo da metafísica ocidental, é o pano de fundo sobre o qual repousa toda a significação. A palavra ou signo impulsiona por si só o desejo de busca de um referente. O signo exige, remete para um movimento de percepção primeira da coisa, de verificação ou de referencialidade, de inteligibilidade, de regularização, de generalidade e de continuidade. Este último aspecto não permite o fechamento do círculo.

Por essa razão, o jogo de invenção, pautado numa linguagem metafórica e metonímica, permite esconder o oco que o signo linguístico traz na outra ponta, já que é na articulação entre um sistema lógico-formal e um sistema discursivo que uma unidade signica se afirma. Assim, consideramos que é na repetição de estruturas cegas, vazias, e ao mesmo tempo completas de sentidos, que o jogo da linguagem se estabelece. O trecho a seguir torna acessível a irrealização da desconstrução destruidora de toda e qualquer forma, porque a palavra pressupõe uma estrutura que, por seu turno, concebe o desejo de significação. “Quero a experiência de uma falta de construção. Embora este meu texto seja todo atravessado de ponta a ponta por um fio frágil e condutor — qual? O mergulho na matéria da palavra? O da paixão?” (Ibid., pág. 25).

Contudo, em outro momento, o narrador tenta burlar o sistema linguageiro preestabelecido através da hibridização de formas e estruturas, mesmo sabendo que está fadado ao fracasso, haja vista que só se pode sair da linguagem pelo preço do impossível. Nas palavras de Barthes (2007, p. 15), isso fica mais claro:

[...] os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme o seu monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua. Assim que eu enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito. Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente.

A natureza do fundamento do signo é estrutural e traz consigo uma lei que o gerou. Resta, então, dada a interdição de uma falta de construção, sugerir, evocar por meio do jogo de similaridade e de diferença, uma simulação de uma desconstrução, uma vez que todo indivíduo é escravo de um sistema linguageiro. O narrador, mesmo



sabendo do fundamento primeiro do signo, impulsionado pela necessidade, pelo desejo de ser singular, pelo movimento de continuidade e de busca de um conhecimento original, enuncia: “Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizam aquém e além de minha própria história humana. Transfiguro a realidade e então a realidade, sonhadora e sonâmbula me cria.” (LISPECTOR, 1998, p.21), “Eu te invento, realidade.” (Ibid., p.68).

A questão da significação, para Lispector, na roupagem do narrador, está na manipulação das estruturas linguísticas, e não numa estrutura imutável. Outro ponto que merece destaque é que a linguagem aparece como elemento estruturador da realidade. Esta se inscreve na linguagem não através da incorporação de uma coisa em si, mas através de um simulacro, de algo semelhante que se confunde com a coisa em si. Essa lógica estabelecida pela linguagem deve servir de orientação para compreensão das práticas de escrever e ler na contemporaneidade, porque o problema da linguagem é também um problema que perpassa tais fenômenos.

Para Lispector, o ato de escrever e ler é sempre uma continuação, porque a linguagem possui em sua gênese a dubiedade, a ofuscação, a incerteza de um sentido primeiro e solene. Por conseguinte, isso marca a impossibilidade da leitura primeira e abre espaço para a construção de um pensamento voltado para possíveis leituras.

Ler é captar a sombra da flecha que fincou num alvo, uma vez que jamais há que se chegar a um sentido imanente, ao objeto em sua completude. Trata-se, pois, de fazer uma notação elementar na contemporaneidade: a leitura não é transparente, e a simples descodificação não consegue atender aos requisitos de um ato de leitura. A gramática e lógica, por si sós, não traduzem a ambiguidade inerente à natureza da linguagem, nem capta o jogo da *différance*. Os autores estudados apontam para uma direção em que a leitura nunca é universalizante nem totalizadora, mas sim uma suplementariedade, a qual acrescenta, mas não soma, porque é apenas um signo de um signo anterior e, portanto, já um novo signo. Noutras palavras, o ato de ler presume interpretação e comentário de um objeto que se apresenta a percepção. Torga (2001) talvez dissesse que ler é o movimento de todo/parte/todo; de simetria/assimetria/simetria; do linguístico/discursivo/linguístico, o qual traduz o próprio movimento da alusão. Nesse momento transitório, ousaríamos dizer que cada leitor, a partir das regras do jogo de

simulação e dissimulação, há que descoser o pano e cosê-lo num trabalho ininterrupto e interminável.

Escrever, nesse sentido, é uma tentativa, uma vontade, uma difusa intenção de captar, através da palavra, o inacessível à linguagem. Isso significa que escrever é um jogo de possibilidades e de probabilidades, em que o *detour*, o giro analítico da contradição entre a estrutura e o discurso, entre o linguístico e o discursivo, já não permite mais uma separação entre eles, na medida em que um se dá pela presença do outro, pelo que não é. O linguístico indicia o destramelar da janela, que, por sua vez, leva a enxergar além e aquém da simples estrutura: leva ao acaso, à probabilidade discursiva. É nesse movimento, o qual diz também do movimento alusivo, que o ato de escrever e ler se processa, sempre no inacessível de si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GULLAR, Ferreira. **Notícia de um assalto inusitado**. Jornal Folha de São Paulo: São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de Ler e Escrever e Fazer conta de cabeça de Bartolomeu Campos Queiroz**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

## REREFÊNCIAS CONSULTADAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério Costa. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MAN, Paul de. **A resistência à Teoria**. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. **Alegorias da Leitura**: linguagens figurativas em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust. Trad. Lenita R. Esteves. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Alex Marins. São Paulo: Martins Claret, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte, Metafísica do Amor, Do sofrimento do mundo**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martins Claret, 2008.